

jornada dos faraós

clive cussler e graham brown

Tradução de José Manuel Lopes



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Lista de Personagens

PASSADO HISTÓRICO

EGITO, 1074 A.C.

Kemet — Antigo membro dos Medjai, um grupo cuja função era guardar o Vale dos Reis.

QSN — Criança órfã que transmite informação a Kemet, o seu nome significa *Pardal e Portador da Tristeza*.

Herior — Comandante militar que conseguiu tornar-se faraó do Alto Egito.

CIDADE DE NOVA IORQUE, 1927

Jake Melbourne — Piloto, acrobata e ás da Primeira Guerra Mundial, a competir para o Prémio Orteig.

Carlo Granzini — Chefe da família mafiosa Granzini.

Stefano Cordova — Mecânico e amigo de Melbourne. Sobrinho de Granzini.

TEMPO PRESENTE

AGÊNCIA NACIONAL
MARINHA E SUBMARINA (NUMA)

Kurt Austin — Diretor da Divisão de Projetos Especiais, especialista na recuperação de bens afundados e mergulhador de fama mundial.

Joe Zavala — O melhor amigo de Kurt, génio da mecânica, responsável pela construção do equipamento fora do vulgar da NUMA.

Rudi Gunn — Diretor-adjunto da NUMA, formado pela Academia Naval.

Hiram Yaeger — Diretor da Divisão de Tecnologia da NUMA, desenhador e construtor do Max, o supercomputador da NUMA.

Paul Trout — Geólogo com um doutoramento em Ciências Oceanográficas, casado com Gamay.

Gamay Trout — Bióloga marinha, casada com Paul, o membro mais sincero e direto do grupo.

ESCÓCIA

Vincennes — Passageiro misterioso na traineira.

Slocum — Contacto dos contrabandistas, parte do Grupo Bloodstone.

SERVIÇO DE SEGURANÇA DO REINO UNIDO, SECÇÃO 5 (MI5)

Oliver Pembroke-Smythe — Antigo membro do Serviço Aéreo Especial, presentemente diretor da Divisão de Operações Antiterroristas para o MI5.

Morgan Manning — Operadora especial para o MI5, a investigar o Grupo Bloodstone.

Henry Cross — Professor de Estudos da Época Antiga na Universidade de Cambridge, ajuda o MI5 a identificar artefactos contrabandeados.

GRUPO BLOODSTONE

Solomon Barlow — Antigo mercenário, atualmente um traficante de armas e chefe do Grupo Bloodstone.

Kappa — Especialista em armas e braço-direito de Barlow.

Robson — Antigo bandido de rua de uma zona problemática de Londres, de momento, um dos efetivos de Barlow.

Daly — Companheiro de Robson, acusa este pela sua prisão.

Gus — Companheiro de Robson, meio-irmão de Daly.

Dedos — Membro do velho gangue de bairro de Robson.

Fedelho — Outro membro do gangue de bairro de Robson.

ADIÇÕES AO GRUPO BLOODSTONE

Xandra e Fydor — Irmãos assassinos, operam juntos sob o pseudónimo de *Construtor de Brinquedos*.

Omar Kai — Mercenário exuberante que é contratado pelo Grupo Bloodstone quando este chega aos Estados Unidos.

FRANÇA

Francisco DeMars — Neto do homem que descobriu os *Escritos de Qsn* e que vive numa mansão em França.

ESPAÑA

Padre Torres — Padre católico da igreja de San Sebastián de las Montañas na Villa Ducal de Lerma.

Sofia — Menina que apresenta Gamay e Paul ao padre Torres.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

James Sandecker — Antigo diretor da NUMA, presentemente, vice-presidente dos EUA.

Miranda Abigail Curtis — Arquivista sénior do FBI.

Morris — Agente responsável pelo destacamento da segurança de Sandecker.

NAÇÃO NAVAJA

Eddie Toh-Yah — Velho amigo de Kurt Austin, parte da administração tribal dos Navajos.

O Avô de Eddie — Chefe do Conselho Navajo local, Guardador da Chama.

Prólogo



VALE DOS REIS, EGITO

1074 A.C., DURANTE A ÉPOCA DA XVIII DINASTIA

ONDAS DE CALOR TREMELUZIAM ATRAVÉS DO VALE DOS REIS, ENQUANTO O sol impiedoso transformava as areias do deserto em argila.

Bem acima do vale, à beira de um penhasco, um homem barbudo chamado Kemet estava deitado de bruços, a suar sob o sol do meio-dia, em busca de algum sinal de movimento. O suor escorria-lhe pelo rosto, uma mosca zumbia-lhe junto ao ouvido, mas nada se movia lá em baixo.

O vale estava imóvel, como seria de esperar do lugar de descanso dos faraós sepultados. O único movimento era um remoinho de poeira que se levantava do extremo sul e dançava na areia.

Kemet afastou-se mais da beira. Vários homens em trajos de linho encontravam-se aí agachados. Um menino estava ao lado deles e Kemet dirigiu-se-lhe: — Trouxeste-nos aqui para vermos o quê?

Os moradores de Tebas chamavam-lhe Qsn, que significava *Pardal*. Usavam este termo, não porque ele fosse pequeno para a sua idade e tendesse a falar com uma voz muito fininha, mas como um insulto. Para o povo do Egito, os pardais eram um incómodo, pois roubavam comida e estragavam a fruta. Os habitantes da cidade viam o menino órfão do mesmo modo.

Kemet era de outra opinião. A criança era um mendigo, não um ladrão. De facto, o rapaz trabalhava duramente pelas moedas de menor

importância, observando tudo com olhos de lince e recolhendo informações. O seu tamanho e idade significavam que muitas vezes era invisível, mesmo à vista de todos.

O menino rastejou até à beira da escarpa, olhou para baixo para o vale e, em seguida, puxou pelo braço de Kemet. Estendeu um dedinho e apontou. — O túmulo do faraó foi aberto. A pedra foi retirada.

Semicerrando os olhos, para ver através do brilho do Sol, Kemet olhou para além do magnífico templo de Hatexepsute, de três andares, com a sua longa escadaria central e fileiras de colunas altas, e ignorou os amontoados de escombros vedando a entrada das sepulturas de alguns antepassados menos conhecidos, focando-se finalmente num intervalo na rocha onde blocos lisos de calcário indicavam a entrada do túmulo de Horemebe, um dos faraós mais recentemente sepultados.

Os seus olhos não eram tão bons como os da criança, contudo, depois de os proteger do sol, começou a ver algo nas sombras. A laje caiada, que fora usada para selar o sarcófago, estava por terra, partida em dois pedaços onde tinha caído. O caminho em frente ao túmulo estava fortemente marcado por rodas de carroças e pelos cascos de bois.

— O menino tem razão — observou Kemet. — O túmulo foi violado.

— E que quer ele que nós façamos acerca disso? — perguntou um dos outros homens.

O menino olhou para trás, sem medo de se dirigir aos adultos. — Você é um medjai — retorquiu ele, com a sua voz fininha. — Vocês são os servos de Ramsés XI de Mênfis, e devem guardar o lugar de repouso dos Filhos de Ámon.

Kemet sorriu. Ele fora um capitão nos Medjai, uma força de guerreiros nomeados pelos faraós para guardarem os túmulos dos seus antepassados, mas o seu cargo fora anulado devido à agitação política que estava a dividir o Egito.

— Talvez o *Pardal* não tenha ouvido tudo — proferiu um dos homens. — Já não somos necessários para os Filhos de Ámon.

— Mas Ramsés...

— Ramsés governa em Mênfis e em Alexandria — explicou Kemet, com mais paciência —, mas estamos no Alto Egito e Herior assumiu para si o título de Grande Casa¹.

Uma expressão de desprezo perpassou pelo rosto do menino. — Herior não é apenas o sumo-sacerdote, ele é...

¹ Etimologicamente, faraó significa «grande casa». (*N. do T.*)

— Aqui, é um rei — ripostou Kemet. — Há quem te cortasse a língua por dizeres o contrário.

O menino encolheu-se.

Kemet deixou que ele atentasse na lição, antes de acrescentar: — Felizmente, não fazemos parte deles.

Os homens, que estavam atrás da criança, riram-se. O rapaz pareceu aliviado.

— O Egito já não é o que era — observou um dos seus homens. — Quanto mais fraco fica, mais precisa de faraós. Não demorará a haver um em cada região.

Isso fez com que Kemet se risse às gargalhadas, embora o menino parecesse abatido. Ele ainda era suficientemente novo para acreditar em conceitos como o dever e a honra e, acima de tudo, no facto de a glória dos reis ser atribuída pelos deuses. Essas crenças não se desaprendiam sem uma grande dor.

Kemet voltou a sua atenção para o túmulo aberto. — Devíamos investigar e ver o que terá sido retirado.

Abandonando a beira da escarpa, conduziu o grupo em redor e através de um caminho secreto que os levou ao vale mais abaixo. Estes eram caminhos escondidos que só os Medjai conheciam.

Quando chegaram, a luz mostrava-se mais intensa e mais ofuscante, como se estivessem a percorrer o próprio caminho para o céu. Ao contrário das escarpas acastanhadas que os rodeavam, o chão do vale estava coberto de pó de calcário e de poeira branca, lascas e aparas dos grandes blocos que tinham sido cortados, trabalhados e manipulados nesse lugar, quase continuamente, durante os últimos mil anos.

A luz refletida fez com que Kemet puxasse um lenço sobre os olhos, entrando assim na sepultura de Horemebe parecendo um bandido.

Uma vez lá dentro, removeu o lenço e parou no corredor de entrada. O ar frio acariciou-lhe o corpo, enquanto os olhos se ajustavam lentamente à escuridão. À medida que as suas pupilas se dilatavam, o esplendor do trabalho dos artesãos surgiu diante dele, teto e paredes caiadas de branco e cobertas de hieróglifos; estátuas, esculturas e outras obras de arte. Tudo iluminado pela luz que, vinda da entrada e das tochas montadas nas paredes, emitia uma luminosidade ainda mais pura, ao queimar uma mistura de óleo de rícino e de natrão que não deitava fumo.

Kemet agarrou numa das tochas e avançou. Os seus homens seguiam-no de perto e o menino permanecia ao lado dele.

Passando por uma segunda porta, entraram na câmara mortuária reservada para as esposas e para os servos menos importantes.

Kemet parou e empurrou o menino para uma fenda na parede. — Caladinho — disse ele. — Não estamos sozinhos. — Pôs a mão por baixo das vestes e retirou uma espada curta, acenando para que os homens se colocassem a seu lado. — Estejam prontos.

Sem um som, Kemet franqueou a porta seguinte. Passou por duas estátuas de Anúbis, com a tocha bruxuleante na mão a lançar sombras pelos animais imóveis na parede oposta.

— Guardas inúteis — sussurrou um dos homens acerca do par de Anúbis —, sentados sem fazer nada enquanto ladrões saqueiam os pertences destinados a equipar o faraó para a vida após a morte.

O som de uma ferramenta a bater na pedra ouviu-se mais adiante. Entrando na câmara mortuária do faraó, Kemet encontrou a fonte desse ruído, um sacerdote e um escultor a gravar uma mensagem na parede distante. Entre eles estava o sarcófago de pedra de Horembebe. A sua tampa pesada fora aberta e posta de lado. O caixão dourado, a máscara mortuária e o faraó mumificado tinham desaparecido.

O sacerdote e o escultor aperceberam-se da luz tremeluzente da tocha. — São mais que horas de teres voltado — disse o sacerdote sem olhar para trás. — Temos mais artigos que precisam de ser retirados.

— Queres dizer roubados — disse Kemet.

Só então o sacerdote se virou. — Quem é você? — perguntou.

— Sou Kemet, capitão da Guarda. E tu és um ladrão.

O sacerdote não recuou. — Eu sou a mão da Grande Casa, servo do faraó Herior. Faço o trabalho do monarca. Vocês são desertores e estão a invadir este espaço.

E eu serei um herói quando apresentar a tua cabeça a Ramsés, pensou Kemet.

Avançou com a espada erguida. — Que fizeste tu ao faraó? Onde estão os seus presentes?

— Foram postos noutra local — afirmou o sacerdote —, para os manter seguros de ladrões como vocês.

A voz do sacerdote tornara-se sarcástica e extremamente ousada para um homem raquítico prestes a enfrentar um soldado de espada desembainhada. Quando ouviu um som de movimento, Kemet ficou a saber porquê.

Uma seta voou pelo corredor, perfurando um dos seus companheiros pelas costas. O homem caiu com um gemido e nada mais.

Seguiu-se uma lança, atingindo outro dos homens enquanto este se virava.

Kemet encostou-se contra a parede quando uma segunda seta passou a voar. Esta penetrou na câmara mortuária e atingiu o escultor no estômago. Este caiu da beira do sarcófago para o chão, contorcendo-se de dor.

Com os reflexos de um guerreiro veterano, Kemet baixou-se e atacou o arqueiro no corredor, derrubando-o antes que ele pudesse atirar novamente. Com um golpe de espada, Kemet trespassou o corpo do indivíduo, libertando em seguida a lâmina com violência.

Vendo o último dos seus homens atingido por uma lança, Kemet arremessou a espada, trespassando o atacante. O homem caiu de joelhos e depois para um dos lados. Apenas restavam o sacerdote e Kemet, mas o primeiro usara a luta na câmara externa a seu favor.

Com Kemet ocupado, o sacerdote retirara um punhal com uma cabeça de cobra de baixo das suas vestes vistosas, e correrá em frente, enterrando-o num dos lados do corpo de Kemet.

Este voltou-se e tentou ferir o sacerdote com a sua própria adaga, enquanto caía de costas. Se estivesse um palmo mais próximo, teria sido um golpe fatal, mas o sacerdote afastara-se do seu alcance.

Ao cair no chão, Kemet agarrou no punhal com que fora esfaqueado. Não o conseguia remover. A lâmina enterrara-se bem fundo e a ferida ardia-lhe de um modo estranho.

Alimentado pela raiva, levantou-se, erguendo a sua arma. O sacerdote recuou mais um pouco, porém, curiosamente, não fugiu.

— Enfrenta-me — disse Kemet —, e não hesitarei em enviar-te para a vida após a morte que tu tanto afirmas adorar.

Deu um passo em frente tentando reduzir a distância, mas sentiu os pés instáveis. Cambaleou para um lado, apoiando a mão na parede. Firme, Kemet permanecia de pé, mas sentia a cabeça a andar à roda.

Aquilo era estranho, pensou. Fora ferido em combate uma dezena de vezes e, numa das ocasiões quase sangrara até à morte, contudo, nunca se sentira assim. Levou a mão ao punhal, retirou-o do corpo e reparou numa reentrância vazia no centro da lâmina.

— O veneno foi preparado para o escultor — admitiu o sacerdote. — Para o manter calado, logo que tivesse terminado o trabalho. Irá funcionar igualmente bem no teu sangue.

Kemet atirou o punhal com a cabeça de cobra para o chão. Muito determinado, deu de novo um passo em frente, mas agora os olhos começavam a

enganá-lo. As sombras em redor do sarcófago ganharam vida. Os Anúbis e o crocodilo mexiam-se e falavam.

A câmara começou a andar à roda. O próprio punhal de Kemet caiu, com um som metálico sobre o chão de pedra. Lutando para permanecer de pé e convocando as últimas forças que lhe restavam, Kemet avançou, investindo contra o sacerdote sem nada nas mãos, tentando agarrar-lhe no manto, mas sem o conseguir fazer.

Kemet tombou de bruços na pedra, rolou e ficou estendido de lado. Ouviu música. Vozes. Mas viu apenas o rosto do sacerdote traiçoeiro. Este inclinou-se sobre ele, murmurou uma maldição e depois endireitou-se, levantando uma pedra bem alto e preparando-se para esmagar o crânio de Kemet.

Antes que ele pudesse infligir esse golpe, o rosto do sacerdote ficou tenso de dor quando a ponta de uma lâmina lhe irrompeu pela barriga. A pedra caiu para trás e o sacerdote tombou morto, parecendo bastante surpreendido com esse facto.

O menino surgiu por detrás do corpo.

— Desculpe — disse ele, correndo para Kemet. — Deveria ter-lhe dito. Sou o Qsn, o *Portador da Tristeza*.

Kemet tentou focar o olhar na criança. Ao fazê-lo, um remoinho de luz e de sombra cresceu por detrás de Qsn, espalhando-se como asas. No seu delírio, Kemet viu o menino como um pássaro vivo, mas não tão pequeno e fraco. — Tu és o falcão — disse Kemet. — Tu és Hórus, o último protetor dos faraós...

Estendeu a mão, colocou-a no ombro do rapaz e, em seguida, o mundo transformou-se em ouro ofuscante. E tudo o que ele via e sabia se esvaneceu.

Qsn permaneceu em silêncio quando a mão de Kemet pousou no chão. O túmulo estava frio, silencioso e cheio de morte, mas não a glória dos faraós. Ele não conseguia pensar em nada que pudesse fazer, nenhum lugar para onde ir, mas sabia que seria morto se ali ficasse.

Levantando-se, correu para a entrada e voltou para o sol escaldante. As marcas dos sulcos e dos cascos no solo compactado apontavam para sul. Um caminho de ladrões. Ele seguiu-o quase sem pensar.

Ao pôr do sol, alcançou uma caravana lenta, com a sua fileira de carroças muito carregadas, que se aproximava das margens do Nilo. Aí, para além de uma curva do rio, existia um porto natural e mais navios do que

Qsn alguma vez vira. Navios grandes, com remos longos e mastros construídos para velas pesadas.

Alguns estavam amarrados à doca de pedra calcária, outros esperavam pela sua vez, ancorados nas águas tranquilas; enquanto outros ainda se encontravam no canal, permitindo que a corrente os levasse lentamente rio abaixo.

Enquanto o menino os observava, os tesouros que pertenciam aos mortos estavam a ser carregados em navio após navio. Cabras e outros animais tinham sido também levados para bordo, tal como alimentos, ânforas de vinho e sacos de tâmaras e outras frutas. No meio da confusão, o menino introduziu-se a bordo de um dos navios, escondeu-se entre os animais e não demorou a adormecer.

Quando acordou, percebeu que fazia parte de uma frota com as velas desfraldadas a caminho do Sul. Passaram por Mênfis, a cidade de Ramsés, na escuridão da noite. No dia seguinte, singravam para o delta inundado. E depois para o mar.

Quando o menino foi descoberto e capturado, a frota já navegara desde a foz do Nilo e afastara-se para lá das margens do mundo conhecido.

1



ROOSEVELT FIELD, NOVA IORQUE

12 DE MAIO DE 1927

NUMA TARDE AGRADÁVEL DE MEADOS DE MAIO, UMA PEQUENA MULTIDÃO reunia-se num campo de aviação em Long Island. Uma área isolada com cordas fora reservada para os repórteres, enquanto, um pouco mais atrás, espectadores do público em geral disputavam um lugar. Perto dali, numa pequena plataforma, ouvia-se uma banda de música.

Um fotógrafo tirava uma fotografia da multidão e da banda.

— Temos de dar crédito ao Jake Melbourne — disse o fotógrafo. — Ele realmente sabe organizar um espetáculo.

Jake Melbourne era um ás da Primeira Guerra Mundial, um aviador acrobata de grande gabarito, como o fotógrafo notara, e um versátil artista. Enquanto outros pilotos usavam blusões de couro castanho e monótonas calças de lã para se manterem quentes, Jake usava um blusão de couro vermelho brilhante, enfeitado com dragonas. Envolvia o pescoço com um lenço dourado e calçava botas de pele de avestruz. Com o passar dos anos, tornara-se famoso, ganhando várias competições aéreas e muita notoriedade. Agora estava a tentar alcançar a maior condecoração da aviação, o Prémio Orteig, de vinte e cinco mil dólares para o primeiro piloto a voar, sem fazer escalas, de Nova Iorque a Paris. Ou vice-versa. Isso significava ultrapassar o oceano Atlântico num salto, e muitas pessoas pensavam que se tratava de uma coisa que não poderia ser feita.

— Que adianta se ele acabar por morrer? — perguntou um repórter.
— É um bom título de primeira página — retorquiu um segundo repórter.

— Ganhar o prémio seria melhor — observou um outro. — E, se há quem o possa fazer, é este fulano.

— Acha que o Melbourne será capaz? — inquiriu o fotógrafo. — Acredita que ele vai consegui-lo? E esse tal Lindbergh?

— Quem? — perguntou o repórter.

— O tipo com o avião prateado. Ele está estacionado no Curtiss Field aqui ao lado. Chegou de avião de San Diego na semana passada. Estabeleceu um recorde de voo quando vinha para cá.

— Ah, está a referir-se ao Slim — disse o repórter, com desdém. — Nem pensar. O avião dele só tem um motor. O do Melbourne tem dois e pode transportar mais combustível.

— Cá para mim, não pode ser feito. — O outro repórter inclinou-se para eles para o afirmar. — Já morreram quatro homens. Três outros aviões acabaram por cair. E a equipa francesa do *White Bird* ainda está desaparecida. Já passou uma semana. Onde quer que estejam, já não estão a voar.

O *White Bird* era a tradução inglesa de *L'Oiseau Blanc*, o nome que Charles Nungesser e François Coli tinham dado ao seu avião. Haviam levantado voo de Paris a 8 de maio, com toda a pompa e circunstância, mas nunca mais se ouvira falar deles depois de terem atravessado a costa da Normandia. Buscas para encontrar o avião e a tripulação estavam a ser realizadas em ambos os lados do Atlântico, no momento em que Melbourne e os outros concorrentes preparavam as suas tentativas.

— Sabem onde é que o Melbourne arranja o dinheiro? — continuou o repórter cético. — O Byrd tem os *Wanamakers*; o Fonck, os *Sikorsky*.²

— Ouvi dizer que o Melbourne está a financiar o voo pessoalmente — observou o fotógrafo.

— E eu ouvi dizer que ele está falido e desesperado pelo prémio em dinheiro — ripostou o repórter. — Gosta muito de jogar, não sei se sabe.

O fotógrafo considerou o assunto. — Bem, as apostas não podem ser mais altas do que quando se trata de arriscar a vida. Dá que pensar como é que alguém se atreve a tentá-lo.

...

² Marcas de aviões. (*N. do T.*)

Numa sala de planeamento, perto da parte de trás de um hangar, Jake Melbourne e os seus financiadores estavam a entabular uma conversa semelhante.

Melbourne era alto com as botas calçadas, tinha o cabelo penteado para trás e o blusão vermelho aberto. O bigode, meticulosamente aparado, dava-lhe vagas semelhanças com Errol Flynn. Tinha dormido até muito tarde para estar bem repousado para o longo voo a solo, mas parecia cansado e abespinhado. — Não vou — insistia ele. — Não com essa coisa a bordo.

Estava a apontar para um maciço baú, que, embora pequeno em tamanho, era extremamente pesado.

Os homens à sua frente não pareceram impressionados com essa explosão de mau humor. Havia três, muito diferentes uns dos outros, mas com semelhanças de parentesco.

O homem mais velho no centro era magro e estava a ficar calvo, usava óculos e vestia um sobretudo assertoado de lã *Mackinaw*. A seu lado, via-se um brutamontes que parecia ter aparecido diretamente de um combate de boxe sem luvas, ou de uma prisão. Tinha o nariz achatado, um olho negro recente e as orelhas feridas, como se tivesse levado uma centena de murros na cabeça.

O terceiro membro do trio era ainda mais jovem, de altura e constituição física mais medianas, e considerava-se um amigo de Jake. Porém, de momento, isso não contava muito.

Foi o homem mais velho, de óculos, que respondeu. — Ouve-me bem, Jake. Estamos todos aqui para nos ajudarmos uns aos outros. Lembra-te de quando os irlandeses te queriam partir as mãos por não lhes pagares os três mil dólares que lhes devias? Acabámos por ser nós a pagá-los. Não só fizemos isso, como comprámos as tuas outras notas promissoras e te ajudámos a adquirir este avião. Agora precisamos que nos dê alguma coisa.

— Eu ia pagar essas notas depois de ganhar o prémio — afirmou Jake —, era esse o acordo. Vocês ficavam com metade, mais o dinheiro da venda do avião. O resto ficava comigo.

— *Era* esse o acordo — observou o homem mais velho. — Agora temos um diferente em mente. Neste novo arranjo, ficas com o prémio todo. Terás apenas de entregar aquele baú a um amigo nosso no continente. Ele irá encontrar-se contigo em Paris depois de aterares.

Melbourne abanou a cabeça. — Se eu colocar essa coisa no meu avião, vou ter de descarregar duzentos litros de combustível. Basta um período de

mau tempo e nunca chegarei a Paris. Um pouco de vento contrário e talvez nem consiga atingir a costa.

— Tu disseste que ir para leste, em vez de para oeste, iria pôr o vento a teu favor — insistiu o homem mais velho.

— Mas ainda irei precisar de combustível.

— Talvez pudéssemos retirar outro equipamento — sugeri o membro mais jovem do trio. — Ouvi dizer que o Lindbergh não está a usar rádio. Disseram-me que não quer um paraquedas, que o equipamento é muito pesado e não é de fiar. — O jovem virou-se para Jake. — Ensinaste-me como pensar sem medo da morte — disse ele. — Podes usar uma bússola e o teu relógio.

— O Lindbergh é maluco — ripostou Melbourne. — Assim que ele descolar, irá desaparecer como os franceses. Eu preciso desse equipamento e de cada litro de combustível. Porque é que não enviam o baú via marítima? Depois encontro-me com o vosso amigo em Paris e digo-lhe qual é o barco.

O brutamontes abanou a cabeça. — Os rapazes do Hoover estão a aproximar-se muito rapidamente e as docas estão cheias de agentes à nossa procura. Além disso, em quem é que podemos confiar?

— Hoover? — murmurou Melbourne. — Estão a dizer-me que o FBI está à procura disto?

O homem mais velho anuiu com a cabeça. — Tivemos um mal-entendido com esses tipos — admitiu ele. — Porque é que achas que te financiámos em segredo?

Melbourne esfregou a têmpora e passou a mão pelos grossos cabelos loiros. Dando um passo em frente, agarrou no baú, esforçando-se por levantá-lo e, em seguida, voltou a pousá-lo. — É demasiado pesado — disse ele. Por uma questão de instinto, curiosidade ou simplesmente estupidez, abriu-o para ver o que tinha no interior. — Mas que diabo...?

Uma bota bateu na tampa com tanta força que Melbourne quase perdeu os dedos.

— Oxalá não tivesses feito isso, Jakey. — Era o homem mais velho quem o dizia, com um pé em cima do baú e um revólver na mão.

— Só podem estar a brincar — exclamou Melbourne.

— E agora? — inquiriu o brutamontes. — Essas pedras podem ligar-nos a tudo e mais alguma coisa. Os fulanos que matámos na estação de comboio estavam a carregá-las. Se formos apanhados, ainda acabamos na cadeira elétrica.

— Não vi nada — gaguejou Melbourne. — Só um monte de...

Sem terminar a frase, Melbourne desfechou um murro que arrancou o revólver da mão do idoso. Quando a arma atingiu o chão do hangar, Jake virou-se e correu para a porta, mas o brutamontes agarrou-o pela cintura, caindo em cima dele como um saco de cimento.

Melbourne contorceu-se para se libertar e conseguiu bater com uma bota de pele de avestruz no nariz já achatado do indivíduo. O sangue jorrou e o homem levou as mãos ao rosto, deixando Melbourne escapar.

Dando um salto, Melbourne parou de repente. O homem mais novo do grupo bloqueara-lhe o caminho e, de momento, também empunhava uma pistola.

— Tu tens de fazer este voo — disse o jovem. — Caso contrário, todos nós seremos apanhados. E isso inclui-te também a ti.

Melbourne já não se importava. Abriu a gaveta de cima da secretária e retirou de lá uma *Derringer*.

— Não faças isso! — gritou o mais novo.

Era demasiado tarde para raciocinar. Melbourne pegou na pistola e girou sobre os calcanhars. A luta terminou com o eco de dois tiros.

A multidão lá fora mal ouviu os tiros. Abafados pelas paredes do hangar e disfarçados pelo toque da banda, ninguém poderia ter a certeza se os sons provinham da abertura de garrafas de champanhe, da técnica de percussão do baterista ou do estampido provocado pelo motor de um carro ou avião próximo.

Quaisquer pensamentos acerca de tais sons foram esquecidos quando as portas do hangar se abriram e a tripulação empurrou o avião de Melbourne para a luz do Sol.

A aeronave era bastante bonita. Pintada de vermelho brilhante, com o nome de Melbourne na cauda e a sua insígnia pessoal, uma cabeça de carneiro de cobre polido, na lateral.

O avião também era uma maravilha tecnológica para o seu tempo. Era algo único, com uma fuselagem toda em metal e asas montadas no meio, sugestões de *design* que prenunciavam a direção futura da aviação. Tinha motores duplos, com doze cilindros alinhados, arrefecidos com água, com uma capacidade para quatrocentos e cinquenta cavalos cada. A sua aparência aerodinâmica e a energia adicional davam-lhe uma velocidade máxima que era quase o dobro do que um avião médio poderia voar. O único ponto fraco

era os motores consumirem muito combustível. O plano de Melbourne seria desligar um deles, logo que atingisse a altitude máxima de cruzeiro, gastar uma hora a perder altitude lentamente e, em seguida, ligar o motor adormecido e voltar a subir para o céu. Era arriscado, pois os bimotores não voavam muito bem com um só motor, controlá-los era difícil e reiniciá-los em pleno voo nem sempre garantia sucesso. Não obstante, Melbourne afirmava já o ter experimentado e pensava que o poderia conseguir.

Era precisamente esse nível de confiança ousada que fazia com que as multidões o adorassem e, assim que ele apareceu a caminhar, dirigindo-se ao avião com o blusão vermelho, capacete de couro, óculos protetores e lenço dourado, a multidão rugiu de alegria. O aviador fez uma vénia e acenou-lhes, antes de subir para a asa do aparelho.

De um lugar atrás da corda que limitava o espaço, o fotógrafo levantou a sua máquina fotográfica com uma caixa *AnSCO Memo* para tirar uma fotografia. Porém, ao focá-la em Jake, o repórter ao lado dele empurrou-a para baixo, o obturador disparou e o fotógrafo sabia que a imagem iria ficar tremida.

— Então?! — exclamou ele, bruscamente.

— Nunca tire uma fotografia a um piloto antes do voo — disse-lhe o repórter. — Dá azar.

O fotógrafo suspirou. — Posso fotografar o avião?

— Espere até que tenha começado a voar.

Enquanto o fotógrafo esperava, a banda iniciou uma interpretação de *Grand Old Flag* de George M. Cohan. A multidão cantava em uníssono enquanto Melbourne subia para a cabine. Em poucos minutos, ambos os motores foram ligados e o *Golden Ram* dirigiu-se para o fim da pista. Não houve verificações antes da partida, atrasos, ou o que quer que fosse capaz de fazer o avião ficar mais tempo a gastar combustível no solo. O bimotor deslocou-se para a pista, voltou-se contra o vento e começou a rolar para a descolagem.

O fotógrafo tirou uma fotografia e baixou a máquina. Com os seus dois motores a trovejarem, a aeronave acelerou, mas devagar. Já quase a meio da pista, a roda traseira subiu. Então, restando-lhe apenas um quarto da pista, ergueu-se finalmente do solo, começando a subir e lutando por cada palmo.

Toda a população susteve a respiração. Muitos deles tinham visto, no ano anterior, o avião sobrecarregado de René Fonck cair e explodir em chamas no mesmo local. Se pudessem, teriam empurrado o *Golden Ram* para o céu.

Com a proximidade do fim da pista, o trem de aterragem foi expelido, já que não valia a pena carregar cem quilos de metal até Paris quando se poderia aterrar com a barriga do avião.

Livre do trem de aterragem, o aparelho subiu com mais facilidade, evitando os fios telefónicos amarrados ao longo da estrada no final da pista. Só então o fotógrafo tirou a última fotografia. Apanhou o avião vermelho a virar para leste, em direção à costa, com o sol a brilhar na sua insígnia com uma polida cabeça de carneiro. O oceano Atlântico esperava-o e, no outro lado, em Paris, fama e fortuna.

O fotógrafo revelou as fotografias na manhã seguinte. As do *Golden Ram* em voo seriam usadas repetidas vezes durante o mês seguinte, primeiro em artigos que descreviam a grande esperança no dia do voo, mais tarde durante as buscas sem sucesso à procura do avião, que continuariam durante semanas após o *Golden Ram* ter desaparecido.

Apesar de as poder vender por uma grande quantia em dinheiro, o fotógrafo nunca publicaria uma imagem tremida de Melbourne a subir para a asa.

«Dá azar», dissera-lhe o repórter. E, durante o resto da sua vida, o fotógrafo acreditou que fora apenas isso.

2



*ATLÂNTICO NORTE, AO LARGO DA COSTA DA ESCÓCIA
NOS DIAS DE HOJE*

VENTOS FORTES UIVAVAM SOBRE UMA TRINEIRA DE TRINTA METROS, ASSOBIANDO pelos mastros e retrancas que se erguiam acima do convés. Chuva e borrifos sopravam do mesmo modo, açoitando as janelas da ponte com espessos lençóis de água, enquanto o mar, para lá do navio, se transformava num campo de intermináveis ondas com cristas brancas que rolavam sob um pesado céu cinzento.

Uma poderosa tempestade atlântica, que fora por momentos um furacão, dirigira-se para norte, em direção à Terra Nova, e depois voltara em direção à Irlanda. Fora apenas a segunda tempestade desse tipo a alcançar as ilhas britânicas, durante muitas décadas, e viera mais rapidamente do que qualquer uma das previsões poderia ter anunciado.

No interior da trineira, três homens ocupavam a ponte, um deles mantendo as mãos no leme do navio, os outros dois agarrando-se firmemente a qualquer coisa que os ajudasse a permanecerem de pé.

— Mantém-nos em linha reta — gritou o capitão ao timoneiro.

— Estou a tentar — respondeu ele. — Mas os ventos estão a mudar, capitão. Em breve poderemos ser atirados borda fora.

Ambos os homens falavam com um sotaque claramente escocês, uma vida inteira de herança do Norte, bem clara nas suas palavras. E, apesar dos seus esforços, a trineira estava a passar por um mau momento.

Quando atingiu o topo de uma longa vaga e deslizou pela parte de trás da mesma, com uma inclinação lateral, o navio tombou fortemente para estibordo, ameaçando virar-se. O timoneiro não teve outra escolha senão continuar para baixo e deixar-se levar pela onda.

Mesmo assim, parecia que o navio poderia oscilar, até que a proa se afundasse no fundo da depressão da vaga. O casco gemeu audivelmente e a parte da frente da traineira ergueu-se, vendo-se livre da água do mar que quase a inundara.

Cronometrando os seus passos, de modo a coincidirem com um breve momento de estabilidade, o capitão foi até ao computador de navegação. Agarrando-se aos lados da consola para se equilibrar, olhou para o ecrã. O varrimento do feixe de radar mostrou-lhe uma parede de chuva ainda mais pesada a norte, mas nada mais para além disso. A leste, registava um pequeno número de contactos e a costa rochosa da Ilha de Skye.

À medida que se aproximavam da crista da vaga seguinte, a espuma e as grossas gotas de água voltaram a atingi-los, varrendo as janelas com um ruído semelhante ao do granizo. — Isto não é nada bom — observou o capitão. — Não nos vamos safar deste temporal. Precisamos de encontrar um lugar para nos protegermos da tempestade.

O terceiro homem na ponte, cujo nome era Vincennes, objetou fortemente. De pequena estatura, corpo magro, com um rosto redondo e afável, parecia tudo menos um indivíduo exigente. Contudo, não havia como confundir a intensidade dos seus olhos fixos. — Nada de rodeios — insistiu ele, aproximando-se do capitão e batendo com um dedo no ecrã. — Vamos para Dunvegan.

Vincennes não era um oficial nem um membro da tripulação, mas pagara pela viagem e pretendia chegar ao destino escolhido.

— Ouça-me — disse o capitão. — A tempestade passou suficientemente longe para que o vento venha de nordeste. Neste momento, a Ilha de Skye está entre nós e o pior da tempestade. No entanto, no momento em que passarmos pelo farol de Neist Point, as ondas aumentarão para o dobro e o vento começará a arrancar coisas do barco. Coisas de que nós precisamos, como antenas, mastros de radar e botes salva-vidas. Uma onda má será o bastante para perdermos uma escotilha ou uma janela, e depois começaremos a deixar entrar água. Está a perceber?

Vincennes ficou a olhar para ele.

Caso Vincennes não tivesse entendido, o capitão resumiu-lhe o que pensava. — Não vamos chegar a Dunvegan esta noite. A única coisa que

teremos de decidir é se passamos a noite abrigados numa baía ou se nos afogamos aqui.

O timoneiro sugeriu uma solução. — Se conseguirmos entrar no Loch Harport, estaremos a salvo da tempestade. Esse braço de mar está protegido por três lados. E, a partir daí, não serão mais de vinte quilômetros por estrada até Dunvegan.

Quando acabou de fazer a sugestão, o barco deu um salto para diante uma vez mais, afundando-se noutra depressão entre as ondas. Todos temiam atingir o fundo e o impulso inevitável para cima que o acompanharia.

Desta vez, a proa perfurou a onda que se aproximava, submergindo por baixo dela durante momentos. A crista da onda dirigiu-se para a ponte a uma velocidade assustadora. Atingiu a estrutura como um martelo, partindo uma das vidraças à prova de tempestade e abanando o barco.

O impacto assustou Vincennes. Encolheu-se, baixou-se e só depois se levantou lentamente, parecendo surpreendido por não ter ficado todo molhado. — Muito bem — disse ele, acenando com a cabeça para o capitão. — Proteja-se no braço de mar. Mas nada de chamadas de rádio. Ninguém deverá saber que lá estamos.

O capitão assentiu com a cabeça para o timoneiro, que já começara a virar.

Golpeada pelo vento, a traineira balançou pesadamente para nordeste, arrastando-os para um rumo voltado mais diretamente para as ondas. A terrível torção e os tombos que eles tinham suportado durante metade do dia foram atenuados.

Uma hora depois, surgiu-lhes a baía externa da reentrância. A entrada era ampla, mas eivada de pequenas ilhas rochosas e de baixios submersos.

— Cuidado com a corrente — urgiu o capitão. Ele podia senti-la a puxar o barco, desviando-os da rota pretendida.

As ondas eram outro problema. No canal, eram bastante regulares e previsíveis, porém, à medida que o barco se aproximava da costa, o tipo de ondulação tornou-se mais caótico, dado que as ondas que chegavam se curvavam em torno das saliências rochosas, fazendo ricochete nas paredes das falésias. Ora estavam a ser empurrados por detrás, ora tinham uma onda a bater-lhes pela proa.

Não demorou muito até que comesçassem a ter problemas. — Estamos fora do canal — gritou o capitão, comparando a sua posição com o que constava no terminal de navegação. — Força a estibordo.

— Estamos com os motores no máximo — avisou o timoneiro.

Ao fazerem mais uma curva, estavam agora também a lutar contra o vento. Eram contratempos a mais. A traineira foi empurrada para longe, para o meio do canal, e arrastada para um baixio.

O terrível som de metal a ser arrancado repercutiu-se através do casco.

O timoneiro tentou minimizar os estragos. Reduziu o andamento ao primeiro sinal de impacto, virou o leme e esperou que o topo da vaga seguinte os apanhasse, antes de voltar a assumir a velocidade total.

A onda libertou-os do baixio, mas a traineira demorou a ganhar velocidade, e mal tinham começado a abrir caminho quando voltaram a tocar no fundo.

O segundo impacto foi mais tremendo do que o primeiro. O capitão e Vincennes foram atirados para o chão do convés. O timoneiro permaneceu de pé, mas bateu com força contra o painel de controlo. Voltou a abrandar quando lhe chegou um alarme vindo do fundo do porão.

— Que é isto? — perguntou Vincennes.

— É sinal de que a água está a entrar — respondeu o capitão.

— Estamos a afundar-nos?

O capitão ignorou a pergunta. — Velocidade máxima — ordenou ele. — Vamos com a corrente até termos ultrapassado os rochedos, depois teremos de seguir para a costa mais próxima. A nossa única esperança é conseguirmos encalhar numa praia.

O timoneiro obedeceu, mas a traineira era como um brinquedo de criança na tempestade. Mesmo com o acelerador no máximo, não estavam a ir a nenhum lado. — A hélice não está a rodar bem, capitão. Se calhar, foi atingida pelos rochedos.

— Nesse caso, estamos condenados — respondeu o capitão.

Outra onda atingiu-os lateralmente, balançando-os para todos os lados e empurrando-os ainda mais para o banco de areia. Sofreram uma paragem brusca, ficando fortemente presos nos rochedos. O impacto voltou a atirar o capitão e Vincennes para o convés.

— Então e agora? — urgiu Vincennes, tentando levantar-se.

O capitão estava já de pé diante dele, olhando pelas janelas para uma faixa de mar iluminada pelas luzes da traineira, onde viu as pontas dentadas da armadilha rochosa em que se encontravam presos. Conhecia bem o que estava para vir. As ondas iriam castigá-los, enquanto as rochas rasgariam o barco lentamente. — Agora morremos.

...

A aproximação da traineira foi notada pelos frequentadores habituais da McCloud Tavern, situada num penhasco de pedras lisas, dezoito metros acima da praia. Estes observavam fascinados, enquanto o navio se aproximava da boca do braço de mar com cada luz a bordo bem acesa.

Uma forte discussão dividiu a sala, com uma fação maravilhada com a bravura da tripulação, e a outra com a estupidez de andar a navegar naquelas condições.

— Este vendaval já dura há três dias — disse um indivíduo.

— Pois — respondeu uma mulher. — Mas veio de repente. E é um bocadinho pior do que aqueles parvalhões disseram na televisão.

— Ora... — retorquiu o homem, levantando uma caneca de cerveja. — Sabemos bem que não se pode confiar muito nessa gente. Mas mesmo que pudéssemos, um fulano teria de ser doido varrido para andar por aí com um tempo destes.

As discussões iam e vinham tão rapidamente como os *toddies* quentes e as canecas de cerveja. Esperando que os navegantes fossem bem-sucedidos, o *barman* reservara uma garrafa especial de *scotch*, caso chegassem a terra, sãos e salvos. Mas toda a diversão acabou quando se tornou óbvio que a traineira se encontrava em sérios apuros.

— Eles encalharam — observou um dos homens mais velhos, logo que o barco ficou parado. — Eu quase fui também apanhado por aquelas rochas. Afiadas como dentes de dragão, acreditem.

— Não houve pedidos de socorro — assinalou o *barman*.

Como em muitas vilas costeiras, metade da população era constituída por pescadores. Não faltavam os rádios da Marinha e, durante uma tempestade, todos ouviam o canal de emergência.

O *barman* pegou no telefone para entrar em contacto com a Guarda Costeira.

— Eles nunca vão arranjar um helicóptero para vir até aqui a tempo — observou o idoso. — E um barco salva-vidas não serve. Não com este tempo.

Apesar da declaração do homem, o *barman* afastou-se para fazer a chamada. Ao abandonar a janela, outro homem deu um passo em frente, parando num ponto entre os outros observadores.

Olharam para ele de soslaio. Era alto, com um corpo esguio e cabelo platinado. Tinha um rosto firme, mas desgastado por uma vida ao ar livre. Não vivia ali, mas parecia um homem do mar.

O forasteiro deu uma breve olhadela à traineira através de uns binóculos compactos. — Será que os rochedos estão muito longe?

— A cerca de dois quilómetros daqui — respondeu o idoso.

O forasteiro voltou a erguer os binóculos, apontando-os para um local diferente mais ao lado, onde uma estreita língua de terra sobressaía da baía.

— E qual a distância do ponto mais próximo daquela língua de terra?

— Uns quatrocentos metros — aventou o idoso. — Talvez um pouco mais. Porquê?

O forasteiro baixou os binóculos. Voltou-se para o idoso, olhando para ele com uns olhos que eram de um azul profundo sob a luz acinzentada. — Porque o senhor tem razão. Com este tempo, um barco não serve.

Com isso, o forasteiro voltou-se e começou a andar através do bar. Encontrou-se com o seu amigo perto do balcão e ambos saíram pela porta da frente.

A mulher trocou olhares com o idoso. — Quem era aquele tipo, afinal de contas?

O homem encolheu os ombros. — Gente de fora.

3



A BORDO DA TRINEIRA, A SITUAÇÃO PASSOU DE PERIGOSA A DESESPERADA. O barco ficara preso nas rochas com uma inclinação de dez graus, com a água a entrar no porão, e a tempestade não dava sinais de abrandar.

O timoneiro, sentindo-se culpado e acreditando que falhara em relação ao navio, voltou-se para o capitão. — Desculpe, eu deveria ter-me afastado mais.

— Não havia nada que pudesses ter feito — retorquiu o capitão. Falou através do intercomunicador, com o engenheiro-chefe. — Estamos muito mal?

— Temos um metro de água no porão que se está a inundar rapidamente. Precisamos de abandonar o navio enquanto este ainda está direito.

Vincennes ouviu-o e abanou a cabeça vigorosamente. — Não — ripostou ele —, não podemos abandonar o barco. Temos de nos libertar destes rochedos.

— Os rochedos são tudo o que nos mantém à tona — retrucou o capitão. Voltou a pressionar o botão do intercomunicador. — Tragam o pessoal para cima. Vamos sair nas balsas.

Ao ouvir a ordem de evacuação, Vincennes ficou lívido. Apontou um dedo acusador ao capitão. — Se isso é algum género de truque...

O que quer que fosse que ele pudesse ter dito não foi ouvido, dado que

uma grande vaga rebentou contra o navio, embatendo no costado da traineira e inclinando-a mais para estibordo.

— Se quiser ficar a bordo, não hesite — gritou o capitão. — Eu e os meus homens vamo-nos embora.

Vincennes olhou para eles, cheio de raiva, quando os homens, vindos do porão, começaram a subir as escadas. Incapaz de influenciar o capitão, esperou que o último marinheiro passasse e, em seguida, cambaleou na direção oposta, dirigindo-se à parte de trás da casa do leme e descendo a escada.

O timoneiro fez um movimento para segui-lo, mas o capitão impediu-o. — Cabe-me a mim lidar com este problema, meu rapaz. Sai para o convés. Mantém os homens juntos. Lança as balsas na crista das ondas, nem antes nem depois, ou não terás qualquer hipótese. Percebeste?

O timoneiro anuiu com a cabeça, vestiu o colete salva-vidas e saiu pela porta de estibordo. Assim que chegou ao ar livre, o vento tentou derrubá-lo. Agarrou-se ao corrimão da amurada, debatendo-se para ficar de pé no convés que ia tombando.

As coisas não poderiam ter sido muito piores. Estavam agora inclinados quase vinte graus e encostados às rochas. O lado de bombordo do navio estava erguido e agia como um baluarte contra o ataque da tempestade, evitando que o convés fosse varrido por cada onda. Mas qualquer barco que entrasse na água daquele lado iria embater contra o casco da traineira muito antes de poder afastar-se.

A estibordo, o convés parecia mais promissor. A traineira estava tombada para aquele lado e a beira do convés já se encontrava inundada. Isso deveria ter facilitado a saída, mas, mesmo para lá da amurada, havia um campo de rochas dentadas.

Estas desapareciam cada vez que uma onda passava, apenas para reaparecerem quando a mesma se afastava, emergindo da depressão deixada para trás, como dentes nas mandíbulas de algum animal faminto. Ainda assim, decidiu, uma pequena hipótese seria melhor do que nenhuma.

Desceu pelas barras de uma escada de metal e, em seguida, continuou ao longo do convés em direção ao posto de reunião da meia-nau. Quando aí chegou, vários homens tinham começado a insuflar uma das balsas salva-vidas.

As cargas de gás comprimido encheram-na rapidamente, mas o vento e o convés oscilante tornavam difícil o controlo.

— Segurem nos cabos — gritou o timoneiro.

No preciso momento em que o disse, a traineira estremeceu com o impacto de outra onda. Uma rajada de borrifos voou sobre eles enquanto uma água verde, com um palmo de profundidade, deslizava do lado elevado de bombordo, atirando com dois homens ao chão e levando a balsa para o mar.

Preso à traineira por um cabo entrançado com dezoito metros, a balsa salva-vidas não estava ainda perdida.

O timoneiro correu para a frente. — Peguem no cabo — gritou ele, segurando com força a corda de náilon. Depois de dois tripulantes se juntarem a ele, puxaram os três com toda a força, mas só conseguiram arrastar um pouco a balsa insuflável, antes de a onda seguinte surgir.

Esta varreu o navio e tudo à sua volta, inundando a proa e a popa. Arrastou definitivamente a balsa, arrancando-a das mãos doridas dos homens e virando-a ao contrário, enquanto a atirava para os dentes dos rochedos mais adiante.

Um dos lados do salva-vidas insuflável rasgou-se com o impacto. A embarcação cor de laranja perdeu a forma e foi logo inundada pela água do mar. A onda seguinte acabou com ela, arrastando-a para trás e envolvendo o tecido já sem ar em torno de um dos afloramentos de pedra.

Os tripulantes tinham visto a destruição de perto. Todos eles sabiam o que significava.

— Estamos aqui presos — gritou um dos homens. — Mesmo se prepararmos outra balsa, nunca iremos sobreviver a isto.

— Este temporal tem um centro, um olho — observou outro homem.

— Se esperarmos, podemos ter uma hipótese.

— O olho da tempestade está a horas de distância — retorquiu um terceiro. — Quando isso acontecer, o navio será apenas sucata.

— Calados — gritou o timoneiro. Este pensou ter ouvido o som de um motor através do vento. Voltou os olhos para o céu, na esperança de localizar um helicóptero da Royal Navy, mas tudo o que viu foram agitadas nuvens cinzentas.

— Ali — gritou um dos tripulantes, apontando para o canal.

O timoneiro voltou-se, semicerrando os olhos, devido ao vento e à chuva e, finalmente, avistou um aparelho em forma de torpedo a alta velocidade, através do crepúsculo. Fosse o que fosse, seguia um caminho curvo, desaparecendo atrás de uma grande onda e reaparecendo logo que a mesma passava.

— Estão a ver aquilo?

Chegaram-lhe murmúrios de reconhecimento.

— Seja quem for, deve ser um doido varrido.

Esse maluco era um homem numa embarcação de alta velocidade, semelhante na sua concepção a uma mota aquática, mas mais longa e mais larga, com uma secção estendida atrás dos assentos, um nariz bulboso e uma envergadura visivelmente maior.

A embarcação movia-se, bastante veloz e ágil, e o seu piloto não demonstrava medo, subindo uma onda, descendo pela sua parte traseira e dirigindo-se em seguida para a traineira em apuros.

— Ele nunca vai conseguir ultrapassar os rochedos!

O timoneiro teve de concordar. Contudo, assim que um impacto capaz de partir ossos lhes pareceu inevitável, a ondulação seguinte rolou por eles. A água subiu, cobrindo os bicos afiados dos rochedos e levantando o aparelho que se aproximava por cima deles.

Não só o piloto manobrou sobre as rochas, como entrou diretamente no convés inclinado da traineira, terminando a corrida em algo semelhante a um acidente controlado.

A tripulação apressou-se, alcançando o veículo enquanto o homem saía dele e enganchava um mosquetão industrial na segunda barra de uma escada junto à superestrutura da traineira.

— O senhor está bem? — gritou o timoneiro.

Descobriu um homem alto, com um fato de mergulho e uns auscultadores impermeáveis sobre uma cabeleira bem encharcada de cabelo platinado. O rosto do indivíduo não via uma gilete há uma semana, porém, sob a espessa barba por fazer, parecia estar a sorrir.

— Este não é um lugar indicado para atracar um barco — observou o recém-chegado.

O timoneiro riu-se, esquecendo-se, por uma fração de segundo, da terrível situação. — Agora não o consigo tirar daqui. Será que pode rebocar uma balsa salva-vidas atrás do seu aparelho.

O homem sacudiu a cabeça. — É muito peso. Nós nunca conseguiríamos passar pelos rochedos antes de aparecer o próximo vagalhão.

— Talvez possa levar alguns de nós de cada vez, como passageiros.

— Poderia fazê-lo, mas isso demoraria muito — disse o desconhecido. — Vamos levar-vos de um modo seguro, à maneira antiga.

Enquanto o timoneiro observava, o homem soltou um cabo da cauda da embarcação. Puxando-o com firmeza, este ergueu-se da água atrás dele, estendendo-se pela baía turbulenta.

O desconhecido prendeu uma extremidade do cabo ao guincho mais próximo, que a tripulação usava para desenrolar as redes de pesca. Escalou

uma série de degraus presos ao lado e, ao atingir um ponto mais alto a que qualquer homem deveria ter subido numa tempestade, prendeu o cabo, em forma de oito, ao guincho, enganchando-o num dos degraus metálicos e prendendo-o a si mesmo.

Com o cabo preso, colocou o microfone junto à boca e falou, provavelmente, com alguém do outro lado da linha.

Alguns na distância, um guincho começou a funcionar. Ao fazê-lo, o cabo elevou-se da água. Só então o timoneiro se deu conta do que esse homem tinha em mente. — Trata-se de uma boia que desliza sobre uma roldana — gritou ele.

— Do quê? — perguntou um dos membros da tripulação.

— É um género de tirolesa — explicou o timoneiro. — Vai levar-nos por cima da água até à costa.

O desconhecido desceu, retirou a mochila dos ombros e extraiu dela vários arneses, cada um deles preso a uma série de roldanas.

Enquanto os distribuía, o estranho explicou o que estava prestes a acontecer. — A outra extremidade do cabo está ligada a um reboque guiado por um amigo meu que está na praia, perto da língua de areia. Tem ordens para manter a linha esticada para vos poder puxar. Quantos estão a bordo?

— Nove.

— Duas viagens — informou o estranho. — Quatro pessoas de cada vez. Depois, o último homem vai comigo.

O timoneiro acenou afirmativamente com a cabeça e começou a dizer aos restantes para colocarem os arneses. Os quatro primeiros colocaram o equipamento e, um por um, ligaram-se ao cabo de aço e, em seguida, uns aos outros, como uma série de vagões de carga. Com todos os quatro pendurados, para lá da beira do barco, e a linha a ceder com o peso, o estranho falou usando o rádio.

De súbito, um cabo secundário mais pequeno, ligado ao primeiro arnês, ficou esticado e o grupo começou a mover-se.

Seguiram por cima da água, tombando ligeiramente e deslizando para a costa distante. Com a chuva, a luz fraca e os borrifos soprados pelo vento, era difícil vê-los para lá dos primeiros cem metros.

Pela primeira vez desde que encalhara, o timoneiro sentiu um vislumbre de esperança. Voltou a encarar o estranho. — Gostaria de lhe agradecer adequadamente, mas não sei o seu nome.

— Austin — respondeu o homem. — Kurt Austin.

4



— DE ONDE VEIO O SENHOR? — PERGUNTOU O TIMONEIRO.

Kurt era o diretor da Divisão de Projetos Especiais de uma agência governamental americana conhecida como NUMA, a Agência Nacional Marinha e Submarina. Agora não era ocasião para explicar tudo isso. — Da McCloud Tavern — respondeu ele. — Vimos que vocês estavam em apuros, que era de loucos estar a pescar com um tempo destes.

— Nós não estávamos a pescar — disse o timoneiro. — Estávamos apenas a tentar voltar para Dunvegan, antes que a tempestade nos apanhasse.

Isso era bastante razoável, exceto que significava meterem-se nos dentes da tempestade. Seguir para sul teria sido muito mais seguro. Kurt registou esse pensamento e pressionou o botão de transmissão do rádio conectado aos seus auscultadores. — Que se passa? — inquiriu ele. — O primeiro grupo já aí chegou?

A quatrocentos metros, suficientemente perto para que um nadador olímpico pudesse cobrir a distância em quatro minutos, Joe Zavala encontrava-se na parte de trás de um atrelado preso a uma potente camioneta de caixa aberta *F-150*. Estava estacionado a meio de uma praia deserta, observando, à medida que o guincho do reboque se ia enrolando no cabo.

Joe era o braço-direito de Kurt, na NUMA, e o seu melhor amigo.

Tinha uma constituição robusta, cabelo preto curto e um sorriso afável que sugeria que tudo iria ficar bem, mesmo quando tal parecia altamente improvável, considerando a situação. Esta era uma daquelas situações.

Apesar de se encontrar a menos de quinhentos metros da traineira, tudo o que Joe conseguia ver do naufrágio era uma mortalha de luz em redor da silhueta escura da embarcação. Esforçava-se para vislumbrar os homens que deslizavam pelo cabo.

Finalmente, este começou a dobrar-se, informando-o de que havia peso nele, e quatro vultos, que vinham a deslizar em direção a Joe, emergiram da névoa, levantando os pés quando uma onda os tentou arrancar do cabo, e acabando por cair na praia num amontoado de quatro homens.

Joe desligou o guincho, saltou do reboque e correu para o local onde tinham pousado. Ajudou-os a retirar os arneses. — Entrem para a camioneta — disse ele, apontando para a cabine da tripulação da *Ford*. — O aquecimento está ligado. Acomodem-se, mas não brinquem com o botão do rádio.

Os homens olharam para ele sem terem percebido, não captando a piada, seguindo depois em direção à camioneta. Quando abriram as portas e entraram, Joe pressionou o botão para falar nos seus auscultadores. — Parabéns, amigo. Temos quatro homens em terra seca, ou, antes, em terra firme. Nada aqui está seco num raio de vários quilómetros.

— Percebido — respondeu Kurt. — Liberta-os dos arneses para mos devolveres e eu poder enviar o próximo grupo.

Joe já juntara os arneses, assegurando-se de que estavam presos ao cabo. Voltando à camioneta, retirou o travão do guincho, permitindo que o tambor girasse livremente e o cabo se estendesse. — Tudo bem — anunciou ele através do rádio. — Usem esses bíceps e puxem quanto quiserem.

De volta ao navio, Kurt começou a recolher o cabo, trazendo uma vez mais os arneses para o navio naufragado. Trabalhou rapidamente e sem descanso. Por fim, com os braços a arderem devido ao esforço, os arneses surgiram. Quando já estavam perto, estendeu a mão e agarrou-os.

— Próximo grupo — gritou.

Demorou apenas um minuto para o timoneiro e dois outros tripulantes colocarem os arneses e os engancharem no cabo.

Pelas estimativas de Kurt, ainda faltavam alguns homens. — Será

que estou confuso, ou ainda faltam duas pessoas? — comunicou ele ao timoneiro.

— O quê?

— Estes homens são os números cinco e seis — gritou Kurt sobrepondo-se ao ruído do vento. — Consigo são sete. Mas disse-me que havia nove a bordo. Onde estão os outros dois?

O timoneiro olhou para a casa do leme. — O capitão... Desceu para ir buscar o nosso passageiro.

— Passageiro?

— Quando batemos nos rochedos, ele desceu. O capitão foi atrás dele.

Kurt olhou para a casa do leme. Com as luzes acesas, parecia ter um ambiente acolhedor e convidativo quando comparado com a tempestade de chumbo, mas não era lugar onde alguém se pudesse refugiar quando o navio se desfizesse. — Vá com os seus homens — sugeriu ele. — Eu vou buscar o seu capitão e esse tal passageiro.

O timoneiro parecia prestes a argumentar, mas Kurt não lhe deu qualquer hipótese. Ligou-lhe o arnês ao cabo e pressionou o botão do rádio para ligar a Joe. — O próximo grupo está pronto. Começa a puxá-los.

O cabo esticou-se, levantando o timoneiro e a tripulação restante do pórtilho para os deslizar por cima das ondas. Enquanto eles seguiam em direção à segurança, Kurt desceu para o convés inclinado e caminhou em direção à casa do leme.

No momento em que entrou nela, o casco inclinou-se mais devido a outra onda, gemendo em protesto. Se Kurt não encontrasse o capitão e o passageiro rapidamente, não haveria navio de onde pudessem escapar.